

17 DEZ 1987

Crise no Centrão *ave p. 2*

O deputado Gilson Machado (PFL-RJ) lembrava a Faccioni a necessidade de conservar a unidade do Centrão para futuros embates, ao que o deputado gaúcho reafirmava seus compromissos em apoiar correções na parte econômica-social do projeto Bernardo Cabral, mas advertia não estar disposto a apoiar radicalizações, como os ataques feitos aos bispos da CNBB pelo líder Amaral Neto. "Eles estão nos atacando, rapaz. Não podemos nos baixar diante disso", dizia Gilson.

Faccioni reiterava que o caminho não está nos ataques pessoais desferidos pelo líder do PDS aos dirigentes da CNBB. O problema não está, apenas, na reação da alta hierarquia da Igreja. O Centrão ganhou a imagem de movimento organizado para deter as conquistas sociais dos trabalhadores na Constituinte. O senador José Richa (PMDB-PR) contava que durante a recente greve de aeronautas e aeroviários ouviu de funcionários de companhias que parlamentares do Centrão não teriam vez nas reservas de lugares.

Muitos liberais não concordam com o *cabo-de-guerra entre esquerda e direita*. Este é o principal motivo para articulação do *Centrinho*, grupo que se organiza com o objetivo de favorecer o entendimento e evitar a radicalização na Constituinte.

Certamente o Centrão não deverá voltar a Brasília, nos primeiros dias de janeiro, com a mesma bola cheia que exibiu nos vitoriosos entreveros que teve oportunidade de travar com os liberais e as esquerdas na

Constituinte. O tom radical com que se têm apresentado algumas de suas lideranças amedrontou os parlamentares moderados que aderiram ao movimento com o objetivo de evitar a radicalização, que atribuiam às esquerdas.

Alguns desses parlamentares, atentos aos desgastes que o movimento está sofrendo junto à opinião pública, perante a qual aparece como um bloco compacto articulado para evitar qualquer benefício aos trabalhadores, não estão dispostos a assumir tamanha responsabilidade diante dos seus eleitores. Informado dessas reações, o deputado Heráclito Fortes previa sólida recuperação do prestígio do líder Mário Covas — que o Centrão derrotou — a partir de janeiro.

Para Heráclito, muitos parlamentares do Centrão, que se situam em posição moderada, ouvirão acerbos críticas da parte de suas bases e preferirão evitar o ônus de um compromisso maior com esse grupo. Ontem à tarde, o deputado Vítor Faccioni (PDS-RS) dizia não estar disposto a avallar qualquer movimento de radicalização, criticando os adjetivos pouco diplomáticos utilizados pelo líder de seu partido, Amaral Neto, para designar a alta hierarquia da CNBB. Faccioni argumentava que aderiu ao Centrão para conter excessos de radicalismo em algumas decisões da Comissão de Sistematização, não estando disposto a tolerar o mesmo do outro extremo.